# #187

## Graça Morais em Paris Último mês para ver obra de Almada Nova presidente na Fundação

FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

—

**maio**

# Neste número

ISABEL MOTA © MÁRCIA LESSA

## 4
### Nova presidente na Fundação

Isabel Mota é a nova presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, sucedendo a Artur Santos Silva que esteve cinco anos à frente da instituição. Isabel Mota foi eleita por unanimidade pelos seus pares e iniciou funções no dia 3 de maio. Na cerimónia de posse, a presidente lembrou o prestígio e o importante contributo da Fundação para Portugal e sublinhou a necessidade de "trilhar caminhos novos". Na mesma cerimónia, o Presidente da República condecorou Artur Santos Silva com a Grã-Cruz de Sant'Iago da Espada como forma de reconhecer "uma carreira dedicada à cultura".

## 9
### *Portugal no Centro*

Apresentado em Coimbra no mês passado, o novo estudo de diagnóstico sobre a Região Centro do país, editado pela Fundação Calouste Gulbenkian, permite realizar uma análise prospetiva e estratégica para a área, com a colaboração das universidades de Coimbra, da Beira Interior e de Aveiro, e dos institutos politécnicos da região.

*BACTERIA EVOLVING* © PAULO DURÃO

## 14
### Investigações IGC

Várias investigações do Instituto Gulbenkian de Ciência foram publicadas recentemente em prestigiadas revistas científicas. Entre elas, destaque para a descoberta de um novo mecanismo que pode permitir o combate às bactérias multirresistentes e para os avanços científicos no estudo da obesidade.

GRAÇA MORAIS, *LE VISAGE MUET*, 2016

## 24
### Graça Morais em Paris e outras exposições

Intitula-se *La violence et la grâce* a exposição que a delegação da Fundação Gulbenkian em Paris apresenta a partir de 31 de maio. A obra de Graça Morais marcada pelas constantes relações entre a pintura e a literatura, pode ser vista até final de agosto na capital francesa. Em Lisboa, a exposição dedicada a Almada Negreiros entra no seu último mês, enquanto o Espaço Projeto da Coleção Moderna apresenta a artista britânica Emily Wardill, a partir de 2 de junho.

# Índice


| | | |
|---|---|---|
| **Notícias** | **4** | Nova presidente na Fundação |
| | **7** | Prémios Gulbenkian |
| | **9** | O que é que o Centro tem? |
| | **12** | Combater a solidão com uma *app* |
| | **14** | Prémio para estudos do IGC sobre autoimunidade |
| | **15** | Os peixes também precisam de amigos |
| | **16** | Eliminação de neurónios periféricos acelera obesidade |
| | **17** | Novo mecanismo de combate às bactérias multirresistentes |
| | **18** | Dia Internacional dos Museus |
| **Aconteceu** | **19** | Notícias de um não lugar |
| **Arte** | **20** | *Emily Wardill. Matt Black and Rat* |
| | **22** | Último mês para visitar Almada |
| | **24** | Graça Morais em Paris |
| **Música** | **26** | Jazz em Agosto 2017 |
| **Leituras** | **28** | Coleção *Tout se transforme* |
| | **29** | Carlos de Oliveira na *Colóquio-Letras* |
| **Ambientes** | **30** | Por Bruno Simão |

DAVID TORN SUN OF GOLDFINGER © BRUNO CHARAVET

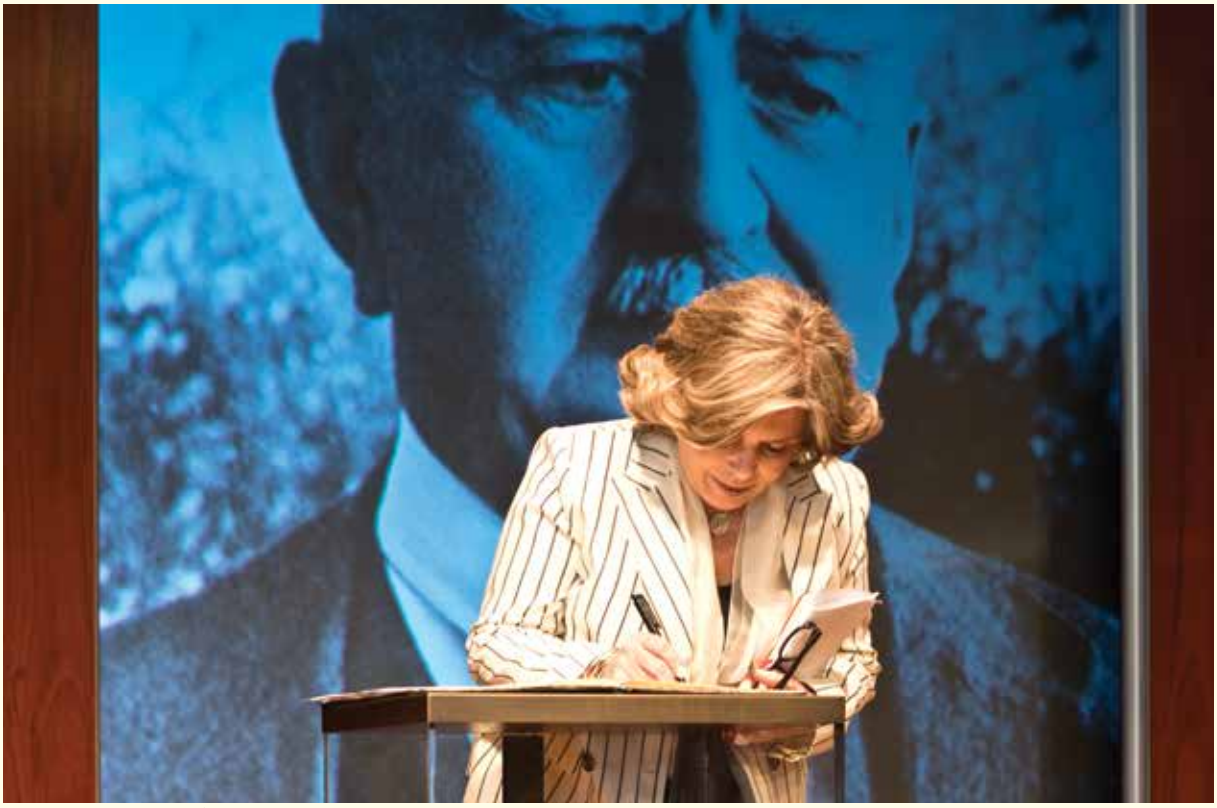
## 26
### Jazz em Agosto 2017

A 34.ª edição do Jazz em Agosto começa no fim de semana de 28 de julho com o projeto de Steve Lehman — Sélébéyone —, que junta as linguagens do jazz e do hip-hop. Este ano, o festival promete um conjunto de propostas relevantes do jazz contemporâneo internacional, apresentadas por músicos de ambos os lados do Atlântico.


A FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN É UMA INSTITUIÇÃO PORTUGUESA DE DIREITO PRIVADO E UTILIDADE PÚBLICA, CUJOS FINS ESTATUTÁRIOS SÃO A ARTE, A BENEFICÊNCIA, A CIÊNCIA E A EDUCAÇÃO. CRIADA POR DISPOSIÇÃO TESTAMENTÁRIA DE CALOUSTE SARKIS GULBENKIAN, OS SEUS ESTATUTOS FORAM APROVADOS PELO ESTADO PORTUGUÊS A 18 DE JULHO DE 1956.

#187 — MAIO 2017 / ISSN 0873-5980 / ESTA NEWSLETTER É UMA EDIÇÃO DO SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO / DESIGN E DIREÇÃO CRIATIVA — THE DESIGNERS REPUBLIC — IAN ANDERSON / DESIGN GRÁFICO — DDLX / REVISÃO DE TEXTO — RITA VEIGA / CAPA — GRAÇA MORAIS, *MÉTAMORPHOSES*, 2000 / IMPRESSÃO — GRECA ARTES GRÁFICAS / TIRAGEM — 9 000 EXEMPLARES / AV. DE BERNA, 45, 1067-001 LISBOA / TEL. 21 782 30 00 / INFO@GULBENKIAN.PT / GULBENKIAN.PT

# Nova presidente na Fundação



POSSE DE ISABEL MOTA © MÁRCIA LESSA

O início de mandato da nova presidente da Fundação Calouste Gulbenkian foi assinalado numa cerimónia realizada no dia 3 de maio, na presença dos colaboradores da Fundação e de muitas figuras públicas que se quiseram associar, entre as quais o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, e os seus dois antecessores, Jorge Sampaio e Aníbal Cavaco Silva.

Membro executivo do Conselho de Administração desde 1999, Isabel Mota tinha sido eleita por voto secreto em dezembro passado, depois de se ter apresentado à votação por solicitação dos seus colegas. Sucede a Artur Santos Silva que terminou o seu mandato após cinco anos na presidência da Fundação. Na ocasião, o Presidente da República condecorou Santos Silva com a Grã-Cruz da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada pelos serviços prestados em prol da cultura, manifestando, "no melhor local possível", como deixou claro, o reconhecimento de todo o país. Uma condecoração que distingue a ação de Santos Silva nas várias instituições por onde passou – Serralves, Casa da Música e Fundação Gulbenkian.

A cerimónia terminou com um apontamento musical, com a presença de uma formação de solistas da Orquestra Gulbenkian que interpretou, no palco do Auditório 2 da Fundação, o primeiro andamento do Sexteto para Cordas n.º 1, op. 18 de Johannes Brahms.

## Determinação e compromisso

Foi num tom de gratidão por Calouste Gulbenkian e pela instituição que criou que Isabel Mota, a primeira mulher a assumir a presidência da Fundação, iniciou o seu discurso na cerimónia que assinalou o início do seu mandato. Revelando estar a viver um dos momentos mais "marcantes" da sua vida, confessou alguma "apreensão" por suceder a "personalidades tão conhecidas e admiradas" na sociedade portuguesa. "Mas, porque sou uma mulher de coragem e sei que na vida nada acontece por acaso, e que tudo tem o seu tempo, foi com grande determinação que assumi este desafio."

Sublinhando o "privilégio" e a "responsabilidade" de servir uma instituição "ao serviço do bem comum", Isabel Mota assinalou, com humor, os traços que a distinguem: "Sei que vou romper a tradição coimbrã da Faculdade de Direito – sou mulher, economista e de Lisboa –, mas julgo que é mais uma prova da extraordinária capacidade de adaptação e evolução da Fundação."

A nova presidente salientou que 20 anos de vida na Fundação tornaram tudo "próximo" e "familiar", afirmando também estar certa de ter o apoio do Conselho de Administração nos "compromissos essenciais" para que a Fundação "continue a desempenhar, de forma exemplar, a missão que lhe foi confiada por essa personagem fascinante do século XX que foi Calouste Gulbenkian".

A pensar nos próximos tempos, a nova presidente diz que o principal desígnio da Fundação é "antecipar o futuro e apostar na inovação, ajudando a preparar os cidadãos de amanhã", sem esquecer a integração da Fundação nas principais redes de fundações internacionais, que classifica como "uma mais-valia indispensável para uma eficaz intervenção nos grandes problemas do nosso tempo". E acrescenta: "Entre o local e o global, a Fundação deve continuar o seu trabalho filantrópico enquanto instituição portuguesa aberta ao mundo."

No seu discurso, Isabel Mota assumiu vários compromissos para este mandato: um compromisso com o futuro para assegurar a "sustentabilidade dos recursos naturais e dos sistemas sociais"; um compromisso com os mais vulneráveis, "que deverão ser os principais beneficiários da atividade da Fundação"; e finalmente um compromisso com a cultura – arte, educação e ciência –, "que nos dá a sabedoria e os alicerces da tão necessária tolerância nos tempos conturbados em que vivemos". Chamando a atenção para o que considerou ser a sua mensagem principal, afirmou: "Vejo a Fundação como uma instituição filantrópica, única e una, que constrói a sua identidade na diversidade da sua intervenção, da arte à ciência, da educação à beneficência, as quatro finalidades estatutárias definidas pelo nosso fundador, numa combinação equilibrada de recursos."

À luz destes compromissos, Isabel Mota enunciou alguns dos pontos fundamentais da sua agenda, que passa por intervir em três pilares fundamentais – a coesão social, a sustentabilidade e o conhecimento: aumentar o impacto social das atividades da Fundação; impulsionar a preparação das novas gerações e das novas lideranças; potenciar a criação artística ativando o papel cívico da cultura; destacar o potencial das artes na compreensão e diálogo entre diferentes civilizações; posicionar a Fundação como centro de reflexão e debate, em parceria com as principais fundações, *think tanks* e universidades; e também aumentar a flexibilidade da organização no sentido de maior agilidade e transversalidade, mantendo a liberdade de opção nos caminhos a seguir.

ISABEL MOTA © MÁRCIA LESSA

PRESIDENTE DA REPÚBLICA CONDECORA ARTUR SANTOS SILVA © MÁRCIA LESSA

## Um balanço de despedida

No discurso enquanto presidente cessante, Artur Santos Silva começou por destacar a presença do Presidente da República e dos seus antecessores, que, para além de conferir um "especial significado" a esta transmissão de testemunho, "reflete bem a fundada expectativa" na liderança da nova presidente, "cuja vida tem sido totalmente dedicada ao servir o bem comum". Depois de homenagear Calouste Sarkis Gulbenkian, responsável pelo "gesto de maior generosidade que alguém teve para com o nosso país", bem como os presidentes e os membros dos anteriores Conselhos de Administração, Santos Silva agradeceu também a todos os colaboradores e aos membros dos Conselhos Consultivos da Fundação, tendo deixado uma palavra especial a João Lobo Antunes, "o único membro dos Conselhos Consultivos que já nos deixou" e que qualificou como uma "personalidade de exceção".

Santos Silva recordou o início do seu mandato, em maio de 2012, numa altura em que o país "vivia uma das crises mais graves da sua história contemporânea", que o levou a privilegiar uma "relação de proximidade da Fundação com os portugueses". Na altura, defendeu a importância de "assegurar as condições da perpetuidade da Fundação", dando prioridade à "dimensão, solidez e rentabilidade do seu património" e fazendo um esforço de redução da sua estrutura de custos fixos.

Depois de enunciar alguns programas e projetos que promoveu durante o seu mandato, Artur Santos Silva afirmou que o património da Fundação "manteve-se praticamente constante entre 2011 e 2016", pelo que julga estarem garantidas as "condições de sustentabilidade da instituição". Anunciou ainda ter dado início, em 2015, a "uma reflexão sobre a estratégia de intervenção da Fundação", para que possa continuar a ser uma "instituição filantrópica de referência", adaptada aos "novos e desafiantes contextos culturais, sociais e económicos."

O presidente cessante terminou a sua intervenção como a começou, elogiando o perfil da sua sucessora, realçando "o profundo conhecimento da Fundação", as suas "raras qualidades humanas e profissionais", a "capacidade de mobilização e motivação de equipas", o "talento de fazer acontecer", atributos que constituem "uma sólida garantia da excelência do seu desempenho futuro."

Isabel Mota é a sexta presidente da Fundação e a primeira mulher a assumir o cargo. É também a primeira presidente a "quebrar" uma tradição comum aos anteriores presidentes, todos eles formados em Direito pela Universidade de Coimbra. Licenciada em Finanças pela Universidade de Lisboa, Isabel Mota integra o Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian desde 1999, após uma passagem de três anos pela direção do Serviço de Planeamento, Orçamento e Controlo da Fundação. Entre os vários cargos que exerceu antes de iniciar funções na Fundação, foi Conselheira na Representação Permanente de Portugal em Bruxelas e Secretária de Estado do Planeamento e do Desenvolvimento Regional nos XI e XII Governos Constitucionais, com responsabilidade nas negociações com a União Europeia dos Fundos Estruturais e de Coesão para Portugal.

# **Prémios Gulbenkian**
# Direitos Humanos, Coesão, Sustentabilidade e Conhecimento

*Até ao final do mês estão abertas as candidaturas aos Prémios Gulbenkian. Os candidatos devem apresentar projetos sobre temas como a promoção do sucesso escolar, bem-estar no envelhecimento, redução da pegada ecológica ou refugiados.*

A crise dos refugiados é um dos maiores desafios que se colocam no mundo atual, não só para os países que os recebem, mas para os muitos deslocados de países em guerra ou em situação de violência. Um tema central para a Fundação Gulbenkian, quer no apoio concedido a plataformas nacionais e internacionais de ajuda aos refugiados, quer nos temas debatidos ao longo dos dois últimos anos. A organização, no ano passado, em Lisboa, do Vision Europe Summit, que reuniu fundações e *think tanks* europeus sobre a matéria, resultou numa série de recomendações aos governos e aos decisores internacionais. Por isso, o Prémio Calouste Gulbenkian será este ano para pessoas singulares ou coletivas que se tenham distinguido na defesa e na concretização dos direitos humanos, em relação a **refugiados**. O vencedor terá um prémio no valor de 100 mil euros.

## Prémios nacionais

Após um ciclo de cinco anos em que foram premiadas apenas personalidades e instituições internacionais, os Prémios Gulbenkian voltam a incluir categorias em áreas estratégicas definidas pelo Conselho de Administração e que correspondem às áreas prioritárias em que a Fundação vai intervir nos próximos anos no nosso país: Coesão, Sustentabilidade e Conhecimento.

Assim, na categoria da Coesão, o Prémio Gulbenkian distinguirá pessoas singulares ou coletivas sem fins lucrativos que exerçam a sua atividade em Portugal e se tenham distinguido na defesa e promoção da coesão e integração social. Em 2017, o prémio incidirá na temática do **bem-estar no envelhecimento**.

A Sustentabilidade dos recursos naturais é outra das categorias dos Prémios Gulbenkian e que este ano terá como foco a **redução da pegada ecológica**.

© RICARDO OLIVEIRA ALVES

Por último, na área do Conhecimento vão ser premiadas pessoas singulares ou coletivas sem fins lucrativos que exerçam a sua atividade em Portugal e se tenham distinguido na valorização pela Educação e na promoção e difusão do conhecimento. Este ano, o destaque vai para a **promoção do sucesso escolar**. Cada um destes prémios será de 50 mil euros.

## Candidaturas

As candidaturas podem ser apresentadas diretamente ou por terceiros, quer por instituições, quer por pessoas em nome individual. A decisão de atribuição dos Prémios será da responsabilidade do Conselho de Administração da Fundação, com base nas propostas do júri ou júris independentes constituídos para o efeito, entre personalidades de reconhecido mérito, nacionais e estrangeiras.

A apresentação e fundamentação das candidaturas deve ser feita exclusivamente *online* até ao dia 31 de maio.

Mais informações: gulbenkian.pt

# O que é que o Centro tem?

*Depois dos diagnósticos sobre território, atividades económicas e inovação no Noroeste do país e no Arco Metropolitano de Lisboa, a Fundação Gulbenkian acaba de lançar o livro Portugal no Centro, onde a Região Centro é vista ao microscópio.*

"O Centro tem de ser visto ao microscópio porque há uma grande parte do que é inovador que parece invisível", disse o economista José Manuel Félix Ribeiro na Sala do Senado da Universidade de Coimbra, em abril, no lançamento do livro *Portugal no Centro*, obra que coordenou.

À semelhança dos projetos anteriores Noroeste Global (2014) e Arco Metropolitano de Lisboa (2015), o estudo de diagnóstico aplicado à Região Centro do país que agora se apresenta permite realizar uma análise prospetiva e estratégica para a região, tendo contado com a colaboração das universidades de Coimbra, da Beira Interior e de Aveiro, e dos institutos politécnicos da região. Com a edição do livro *Portugal no Centro*, a Fundação Calouste Gulbenkian completa assim uma série de três publicações que pretende contribuir para a reflexão sobre as recentes dinâmicas territoriais e urbanas em Portugal, assente numa visão de território como realidade complexa e em permanente transformação.

CAPA DO LIVRO

## Um mosaico de atividades

Se nos estudos dedicados ao Noroeste do país e à macrorregião de Lisboa era evidente uma concentração de atividades económicas, embora muito diferentes entre si, no caso da Região Centro foi necessário, segundo os seus autores, descobrir uma variedade de atividades que se espraiam ao longo das vias de comunicação que organizam este território. Com o vazio criado no meio pela cordilheira central, o desenho da rede de acessibilidades (imagem pág. 11) ajuda a compreender a distribuição das atividades ao longo deste quadrilátero. "Isto faz toda a diferença", sublinha Félix Ribeiro. "À exceção de um aglomerado no corredor litoral, a Região Centro é um mosaico de atividades."

Existe um conjunto de *clusters* característicos das atividades tradicionais na região, ligadas a recursos naturais, como a agricultura e agroindústrias, pesca e conservas, indústrias florestais, cerâmicas e outros materiais de construção ou minérios, e às energias renováveis, mas também atividades relacionadas com indústrias menos dependentes desses recursos endógenos, como acontece com o têxtil de lã e as indústrias de vestuário, a cordoaria e o têxtil de revestimento, a montagem de automóveis e o fabrico de componentes para este sector, a construção metálica, a construção naval, a mecânica ligeira ou a mecânica de precisão. Na Região Centro multiplicam-se, ainda, iniciativas na área do turismo, valorizando a combinação única de paisagens e património histórico que este território central possui.

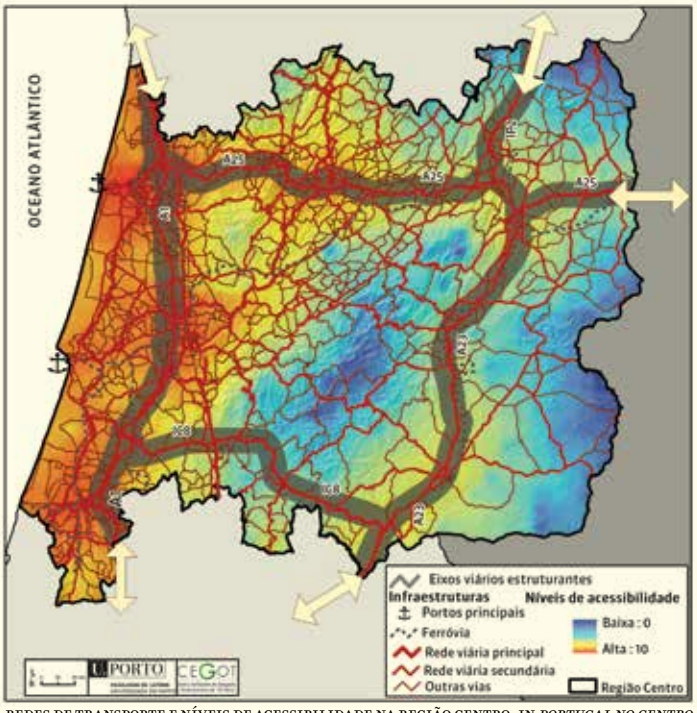
As universidades públicas de Aveiro, Coimbra e Beira Interior que fazem investigação de apoio a algumas destas atividades, mas que também trabalham em áreas como a saúde, telecomunicações, computação e engenharia aeronáutica, são igualmente fundamentais na análise da Região Centro. "Estes polos de conhecimento ajudam as atividades tradicionais a ser mais competitivas, mas simultaneamente estão a dar origem ao que chamamos '*protoclusters*' [conjuntos de empresas e instituições de ensino e I&D que desempenham um papel relevante na emergência de atividades inovadoras], coisas pequenas com grande potencial de crescimento", sublinha Félix Ribeiro, dando exemplos como o Biocant – Centro de Inovação em Biotecnologia em Cantanhede, a Altice Labs em Aveiro, o Laboratório da Nokia Siemens Networks no *campus* da Universidade de Aveiro, e a Critical Software, uma *spin-off* da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, incubada no Instituto Pedro Nunes.

"Existe um ecossistema de inovação na Região Centro", assegura o coordenador do estudo. "Não exporta tanto como o Noroeste ou como Lisboa, mas consegue ter empresas muito competitivas e um sistema de ensino superior e de investigação que permite realizar dos melhores projetos a nível nacional."

## Pérolas do espírito empresarial

Sobre o dinamismo naquela região de empresas ligadas a atividades tradicionais, muitas delas familiares, o coordenador do estudo *Portugal no Centro* aponta como exemplo o Grupo Mota, que produz pasta cerâmica e detém várias minas onde vai buscar feldspato necessário à produção dessa pasta. "Constataram que os feldspatos têm lítio e com o apoio de um projeto de investigação criaram um processo para o extrair." Com a procura de lítio a aumentar, e não apenas pela indústria automóvel (para as baterias dos carros elétricos), a empresa prepara-se agora para começar a exportar lítio. "Com este estudo descobrimos coisas muito interessantes que desconhecíamos", reconhece Félix Ribeiro. Ao contrário do que acontece no Noroeste do país, onde existem muitas empresas ligadas ao têxtil e vestuário, na Região Centro existem poucas e estão localizadas sobretudo na Serra da Estrela e Cova da Beira. E se a grande empresa Paulo de Oliveira, de lanifícios, é conhecida de todos, existem empresas com menos visibilidade, como é o caso da Davion que só faz vestuário por medida e recebe encomendas até de alfaiates de Paris, seguindo os fatos por DHL.

Félix Ribeiro destaca também outra empresa, a Twintex, que faz mais do que têxteis: "Produz *lifestyle* com esses têxteis. Isto é inovação, num território interior onde não há multinacionais. São empresas familiares que tiveram de diversificar e acompanhar as tendências. E são pérolas como esta que o estudo revela", diz.



REDES DE TRANSPORTE E NÍVEIS DE ACESSIBILIDADE NA REGIÃO CENTRO, IN *PORTUGAL NO CENTRO*

Ao debruçarem-se sobre todos os projetos em copromoção existentes na Região, que juntam centros de conhecimento e empresas em torno de projetos inovadores com financiamento dos fundos estruturais, os autores do estudo depararam-se também com casos de empresas que de fabricantes de partes ou componentes passaram a ser muito mais do que isso. "Há uma tendência fundamental hoje que é a crescente procura de soluções para áreas funcionais. E, por isso, os fabricantes de componentes ou passam para as soluções ou são obrigados a vender a preços muito baixos aos construtores de soluções." Aplicado à indústria, dá como exemplo uma empresa do Grupo Iberomoldes, que depois de integrar um novo consórcio, passou também a oferecer no mercado internacional soluções para interiores de comboios suburbanos e de aviões.

Em paralelo, têm vindo a multiplicar-se as empresas em áreas tecnológicas avançadas na região, nomeadamente em torno das universidades, envolvendo start-ups, PMEs e multinacionais. São exemplo disso os *protoclusters*: Farmacêutica, Biotecnologia e Serviços de Saúde; Engenharia Biomédica; Telecomunicações - Engenharia de redes e Serviços; Tecnologias da Informação - Software e desenvolvimento de aplicações na internet; Automação e Robótica - Aplicações industriais e móveis; Espaço e Aeronáutica; e Novos Materiais.

"O que fizemos com estes estudos é dizer o que existe e analisar os fatores que tornaram isso possível. No futuro, uma parte do que temos aqui sobreviverá, outros vão crescer e há qualquer coisa, que temos muita dificuldade em antecipar, que poderá vir de novo", diz o coordenador. O estudo Portugal no Centro está integralmente disponível para consulta em: gulbenkian.pt/iniciativas/gulbenkian-cidades/portugal-no-centro/

# Combater a solidão com uma *app*

*No ano passado ficaram entre os vencedores do Hack for Good, a maratona de tecnologia com impacto social, promovida pela Fundação Gulbenkian. Agora preparam-se para lançar no mercado nacional a sua aplicação, Ximi, na área da saúde e do bem-estar sénior, e deixam recomendações para a próxima edição do Hack for Good, em junho.*

A Ximi nasceu em pouco menos de 30 horas. Estávamos em abril de 2016 e a Fundação Gulbenkian organizava e acolhia o Hack for Good, uma maratona tecnológica em que 36 equipas eram desafiadas a desenvolver, ao longo de dois dias, aplicações para plataformas móveis (*apps*) e outras soluções informáticas, tendo em mente o envelhecimento ativo da população. Luís Curvelo e Pedro Santos faziam parte de uma dessas equipas. Na base da aplicação que acabariam por desenvolver estava originalmente uma componente ligada à monitorização de dados vitais de saúde dos seus utilizadores, como a tensão arterial e o peso. "Mas depois do *feedback* que tivemos dos mentores do Hack for Good, logo no arranque da iniciativa, começámos a apostar muito mais na componente da 'gamificação' como argumento central", recorda Luís Curvelo, um dos fundadores da Ximi.

Foi assim que surgiu a aplicação Ximi (o nome deriva da palavra "proximidade"), que pretende combater a solidão e o sedentarismo dos mais velhos, criando dinâmicas de interação e de convívio. Funciona com um conjunto base de utilizadores, com os quais a *app* interage lançando desafios e desencadeando contacto social entre os utilizadores. Por outro lado, a aplicação tem uma espécie de agenda médica, que pode ajudar na toma dos remédios e nas visitas ao centro de saúde. "Só precisamos que os utilizadores tenham um canal de acesso, neste caso um *smartphone*. A partir daí temos de confiar que o interface e a experiência de utilização que oferecemos seja suficientemente simples e ágil para que a aplicação seja usada e para que se comece a gerar aquilo que nós pretendemos, que é, no fundo, tornar as pessoas mais ativas, mais ligadas, em rede e em ecossistema, mitigando a situação de solidão."

Com lançamento no mercado nacional previsto para junho, a aplicação será gratuita para os utilizadores. O objetivo é que possam acumular pontos que resultem das interações com outros utilizadores para serem trocados por *vouchers* ou ofertas disponíveis na plataforma através de parcerias, na área da comida saudável, por exemplo. "Embora a solidão seja um problema transversal, que afeta pessoas de todas as idades, estamos atualmente a trabalhar num segmento específico: adultos, ativos, entre os 50 e os 69 anos. Mas temos consciência que poderemos muito rapidamente atingir outros segmentos", assume o gestor do projeto.

APRESENTAÇÃO DA XIMI NO HACK FOR GOOD, ABRIL DE 2016 © D.R.

## De alpha a beta, até à aceleração

Sobre as razões que levaram a equipa de Luís Curvelo a participar no Hack for Good, o especialista em Marketing e Inovação esclarece: "A magia desta iniciativa é que tinha um tema fechado. Esperava-se um determinado resultado no final da competição, um produto ou serviço dentro de um segmento específico, e isso é muito interessante." De resto, a equipa nascida no seio da empresa tecnológica Compta apresentava valências que já estavam experimentadas na área da saúde e do bem-estar.

Depois de verem o seu trabalho validado no Hack for Good (ficaram em 2.º lugar), avançaram para a Web Summit, em novembro, onde entraram como *start-up* alpha e saíram como beta, "que é um nível acima", explica Luís Curvelo, traduzindo a linguagem utilizada no empreendedorismo tecnológico. Foram entretanto distinguidos também na Smart City Expo World Congress de Barcelona, e continuaram a fazer contactos, já na perspetiva de terem uma equipa fixa a trabalhar no projeto. Foi então que surgiu a oportunidade de participarem num dos maiores programas de aceleração na área da saúde da Europa, promovido pela Vertical. É da Finlândia que Luís Curvelo nos fala por telefone, onde irão estar nos quatro meses de duração deste programa para o qual foram selecionados, entre 261 projetos de todo o mundo, apenas 11 finalistas. A partir daqui o projeto ganha outra dimensão e começam a pensar noutros mercados e na internacionalização.

A recomendação de Luís Curvelo para as equipas que participarem no **Hack for Good 2017, nos próximos dias 24 e 25 de junho**, é que façam o trabalho de casa e levem uma ideia. A próxima edição desta maratona digital será dedicada ao desenvolvimento de soluções tecnológicas que possam melhorar a vida dos refugiados, um tema com grande potencial, na perspetiva de Luís Curvelo. "Podem ser trabalhadas ideias na área da inclusão ou da facilitação de processos", antecipa.

"Se têm uma ideia, o Hack for Good é o sítio certo para a testar. Tem-se acesso a um conjunto de mentores, das áreas da tecnologia, da indústria e do negócio, que podem dar *feedback*. E as equipas têm de estar permeáveis a este *feedback*. Porque se estivermos a construir uma coisa para nós próprios, que não toque os destinatários, utilizadores ou clientes, estamos a perder tempo."

# Prémio para estudos do IGC sobre autoimunidade

NUNO COSTA © INÊS DOMINGUES, IGC

VITAL DOMINGUES © INÊS DOMINGUES, IGC

*Dois investigadores do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) foram distinguidos pelo Núcleo de Estudos de Doenças Autoimunes (NEDAI) da Sociedade Portuguesa de Medicina Interna com o Prémio NEDAI de Investigação em Autoimunidade 2017 e com uma bolsa de estudo em Doenças Autoimunes, no valor de dez mil euros cada. A cerimónia de entrega decorreu no mês passado, no congresso anual do NEDAI.*

Nuno Costa, estudante de doutoramento no grupo de Constantin Fesel, foi o vencedor do prémio de Investigação em Autoimunidade 2017 enquanto primeiro autor de um estudo desenvolvido pela equipa do IGC na área de lúpus. O estudo identifica dois efeitos que contribuem para alterações em células específicas do sistema imune em pacientes com lúpus, designadas como "linfócitos T reguladores". O artigo de investigação que resultou neste prémio contou com a colaboração de cientistas e médicos do UMIB/ICBAS – Universidade do Porto, Hospital de Santo António, Hospital Curry Cabral, Hospital de Santa Maria e Centro Hospitalar de Lisboa Ocidental.

Vital Domingues, médico de formação e também estudante de doutoramento nos grupos de Jocelyne Demengeot e de Miguel Soares, foi distinguido pela NEDAI com a atribuição de uma bolsa de estudo em Autoimunidade. Esta bolsa irá contribuir para a investigação que desenvolve e que pretende identificar o papel dos tecidos no desenvolvimento de doenças autoimunes, nomeadamente nas respostas ao stress e danos no organismo quando o sistema imune fica desregulado.

# Os peixes também precisam de amigos

© RODRIGO ABRIL DE ABREU

*O apoio que cada indivíduo recebe por parte daqueles que o rodeiam influencia o seu comportamento e pode ajudá-lo a superar circunstâncias desfavoráveis. Além do ser humano, outros animais sociais conseguem recuperar melhor perante um evento adverso na presença dos seus congéneres. É o caso do peixe-zebra.*

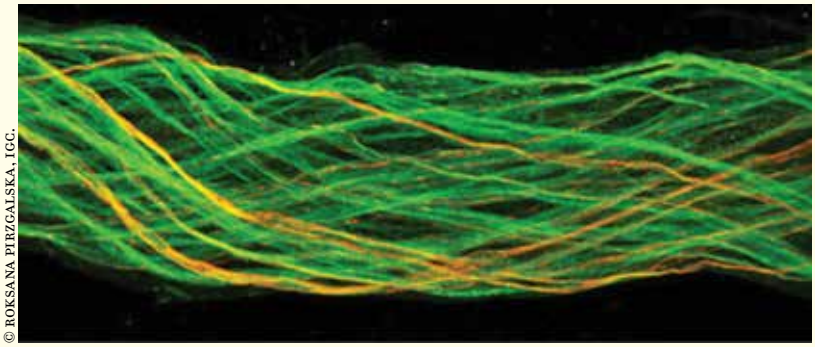
Um novo estudo liderado por Rui Oliveira, investigador do Instituto Gulbenkian de Ciência, do ISPA e da Fundação Champalimaud, mostra que o peixe-zebra precisa de suporte social para ultrapassar situações adversas, o que faz deste peixe um modelo de eleição para estudar este comportamento e os mecanismos neurais subjacentes.

As experiências feitas pela equipa de investigação mostram que os peixes-zebra, quando podem ver e cheirar o seu cardume, exibem menos medo perante uma situação de ameaça do que quando estão sozinhos. Entre as pistas visuais e olfativas, é a visualização de um cardume que parece ser mais eficaz na diminuição da resposta de medo quando numa exposição prolongada à ameaça, não dependendo do tamanho do cardume.

O estudo mostra ainda que o fenómeno de suporte social em peixes-zebra desencadeia um padrão específico de ativação em várias áreas cerebrais (área pré-ótica, amígdala), que estão também envolvidas no mesmo fenómeno em mamíferos. Estas semelhanças entre as áreas cerebrais ativadas mostram o peixe-zebra como um organismo modelo ideal para a investigação do suporte social, podendo reproduzir mecanismos neurais semelhantes aos dos seres humanos.

As descobertas deste estudo, publicado na revista científica *Scientific Reports*, abrem novos caminhos para a compreensão deste comportamento social, tão determinante para o bem-estar humano e de grande relevância em certas doenças, como a depressão ou ansiedade generalizada.

# Eliminação de neurónios periféricos acelera obesidade



© ROKSANA PIRZGALSKA, IGC.

Uma equipa de investigação liderada por Ana Domingos, do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), desenvolveu uma nova técnica genética que permite a eliminação de neurónios específicos do sistema nervoso periférico sem afetar o cérebro. Utilizando esta técnica em ratos, os investigadores conseguiram estudar a função dos neurónios que inervam o tecido adiposo, tendo observado que a sua eliminação resulta no rápido aumento de peso nos animais. Publicada recentemente na revista Nature Communications, esta técnica abre novas vias para o estudo de muitas doenças relacionadas com o sistema nervoso periférico.

Interessados em estudar os mecanismos neurobiológicos subjacentes à obesidade, Ana Domingos e o seu grupo tinham descoberto recentemente um conjunto de neurónios que inervam o tecido adiposo, e demonstraram que a ativação direta desses neurónios queima gordura. Neste estudo, os investigadores conseguiram eliminar os neurónios do tecido adiposo dos ratos, sem afetar o cérebro. Ao comparar estes ratos com ratos normais, observaram um comportamento alimentar semelhante. No entanto, os ratos que não tinham os neurónios periféricos tornaram-se muito gordos rapidamente.

Para encontrarem forma de eliminar especificamente os neurónios de interesse sem afetar os semelhantes que também existem no cérebro, o grupo de Ana Domingos colaborou com o químico Gonçalo Bernardes, do Instituto de Medicina Molecular (IMM) e da Universidade de Cambridge, para desenvolver uma técnica inovadora. Os investigadores modificaram uma técnica muito usada em engenharia genética para eliminar células, a qual se baseia no uso da toxina diftérica. Esta toxina só mata as células que contêm o seu recetor, algo que os ratos normalmente não têm, a menos que seja introduzido artificialmente em células específicas que os cientistas queiram estudar. A equipa introduziu geneticamente o recetor da toxina nos neurónios que inervam o tecido adiposo dos ratos, tornando esses neurónios suscetíveis à ação letal da toxina. No entanto, este procedimento introduz também o recetor da toxina diftérica noutros neurónios do cérebro, que os investigadores não queriam que fossem eliminados. Para evitar que a toxina diftérica atravessasse a barreira hemato-encefálica e consequentemente afetasse os neurónios semelhantes que existem no cérebro, os investigadores decidiram modificar quimicamente a toxina diftérica, aumentando seu tamanho e, desta forma, limitar a sua entrada no cérebro.

Ana Domingos refere que esta nova técnica permitiu testar a importância dos neurónios que inervam o tecido adiposo para manter o peso normal do corpo. A investigadora salienta que esta ferramenta molecular "contorna os possíveis efeitos colaterais associados ao cérebro, que poderiam ocorrer pelas limitações da técnica anterior". Este resultado permitirá agora "eliminar especificamente células periféricas fora do cérebro e estudar a sua função, não só para a obesidade, mas para várias outras doenças", conclui Ana Domingos.

# Novo mecanismo de combate às bactérias multirresistentes

*Num estudo inovador publicado na revista PLOS Biology, Isabel Gordo e a sua equipa no Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) identificaram um mecanismo compensatório que favorece o crescimento de bactérias multirresistentes e que pode ser usado no futuro como um novo alvo terapêutico contra estas bactérias.*

Os antibióticos estão desenhados para atacar funções celulares essenciais das bactérias, mas estas podem evoluir e tornar-se resistentes a esses fármacos ao adquirirem mutações nos genes envolvidos nessas funções. Isto traz um custo para as bactérias, uma vez que a maior parte das mutações que lhes conferem resistência é-lhes prejudicial na ausência do antibiótico. Para ultrapassar isto, as bactérias podem adquirir outras mutações compensatórias. Até agora, era completamente desconhecido o processo em que as mutações compensatórias evoluem em bactérias multirresistentes, e foi isso que a equipa de Isabel Gordo se propôs descobrir.

Os investigadores mostraram que o ritmo da adaptação compensatória nas estirpes multirresistentes de *Escherichia coli (E. coli)* é mais rápido do que nas que têm apenas uma mutação. A equipa conseguiu identificar as proteínas-chave envolvidas no mecanismo compensatório das bactérias multirresistentes. Isabel Gordo explica com uma metáfora: "Se comparássemos as bactérias a um carro, podíamos dizer que muitas mutações que conferem resistência à estreptomicina afetam o motor da célula que conduz à produção de proteínas (o ribossoma), enquanto as resistências à rifampicina surgem de mutações no acelerador desse motor (uma proteína chamada RNA polimerase). A equipa descobriu que o mecanismo compensatório da *E. coli* multirresistente inclui mutações na 'embraiagem', isto é nas proteínas que ligam o 'motor' da célula ao 'acelerador'." A investigadora do IGC acrescenta: "Se conseguirmos bloquear as proteínas agora identificadas, talvez possamos matar bactérias multirresistentes, uma vez que estaríamos a eliminar este mecanismo compensatório que favorece o seu crescimento na população."

Estes resultados surgem da análise de estirpes de *E. coli* com apenas uma resistência a rifampicina e estreptomicina, e estirpes com resistência a ambos os antibióticos, crescidas em meio sem antibióticos. A equipa de investigação prevê que o mecanismo agora descoberto possa ser usado de forma geral em muitos outros casos de multirresistências a fármacos, uma vez que os antibióticos afetam os mesmos mecanismos celulares. Assim, as proteínas agora identificadas podem ser bons alvos para o desenho de terapias contra bactérias multirresistentes.

# Dia Internacional dos Museus

ASPETO DA COLEÇÃO DO FUNDADOR © RICARDO OLIVEIRA ALVES

O Museu Gulbenkian organizou uma programação especial para comemorar o Dia Internacional dos Museus, a 18 de maio, com atividades dedicadas ao tema *Museus e histórias controversas: dizer o indizível em museus*. Tentando contribuir para uma reflexão sobre o papel destas instituições nas comunidades e na sociedade em geral, o programa inclui conversas curtas (de cerca de 30 minutos) e informais – nas galerias da Coleção Moderna e da Coleção do Fundador, ao longo de todo o dia –, que resultam da escolha e resposta de vários curadores a esta temática numa posição de abertura, diversidade e multiplicidade de vozes e visões.

A primeira conversa está marcada para as 10h15 e fica a cargo de Nuno Vassallo e Silva, com o tema "Negociações europeias e compra de obras". Seguem-se "Visível e invisível na obra de Degas" (10h45), com Luísa Sampaio; "Uma história escondida num tapete" (11h15), com Clara Serra; "Vigiar, Esconder e Punir – Uma 'história controversa' a partir da série '22474', do ano 2000, de José Luís Neto" (12h), por Leonor Nazaré; e "Criação do edifício do Centro de Arte Moderna – uma história de resistência e contestação" (12h30), por Patrícia Rosas.

Depois do almoço, segue-se "A História silenciada" (14h45), por Ana Vasconcelos; "Os vidros mamelucos da coleção de Arte Islâmica" (15h30), por Jorge Rodrigues e "Versailles de papel" (16h), com João Carvalho Dias e Manuela Marques. As duas últimas conversas serão realizadas em língua inglesa, por Michael Langan com "A Coleção Gulbenkian sai do armário dourado? – narrativas *queer* na Coleção Gulbenkian" (17h), e por Penelope Curtis com "A Coleção Moderna e a sua relação com o Estado Novo" (17h45). **O acesso às conversas é gratuito, mas requer o levantamento de bilhete, para uma lotação de 30 pessoas. Neste dia, a entrada no Museu Calouste Gulbenkian – Coleção do Fundador e Coleção Moderna – é de entrada livre, exceto na exposição temporária dedicada a Almada Negreiros**.

No dia 21 de maio, integrada nesta programação, há ainda uma proposta de visita desenhada com o título "O poder da síntese – simplificar o traço, representar a Natureza", na Coleção do Fundador. Com a orientação de Ricardo Mendes e entrada livre, o público é convidado a desenhar a partir da observação das obras da coleção islâmica.

# Notícias de um não lugar

O pianista e compositor Marino Formenti esteve no centro de uma *performance* que o levou a habitar durante três semanas uma casa temporária no Jardim Gulbenkian, criada pelo artista Ricardo Jacinto. Neste insólito abrigo, totalmente construído em cortiça, Formenti viveu sob o olhar público, sempre em silêncio, comunicando apenas através da música de compositores como J. S. Bach, John Cage, Morton Feldman, Erik Satie, Brian Eno, Jean-Henri d'Anglebert, Gaspard le Roux ou Bjork.

Movidas pela curiosidade, muitas pessoas que atravessavam o jardim, junto ao Anfiteatro ao Ar Livre, iam espreitando e entrando na habitação, dominada por um piano de cauda a um canto e com uma exígua mobília constituída por uma cama, uma mesa e vários colchões e almofadas espalhadas pelo chão onde as pessoas se iam acomodando para seguir a *performance*. Cada peça tocada era registada numa pequena folha de papel que o pianista ia colando na parede da sala. À medida que os dias iam passando, dezenas e dezenas de folhas passaram a forrar o interior da habitação, dando conta do reportório entretanto tocado.

A exposição pública do artista foi levada ao limite, através de uma câmara ligada 24 horas por dia. Manuseada pelo próprio *performer*, ia variando frequentemente de ângulo, ora fixada no interior da casa ora no exterior, sobre o lago do Jardim.

O interesse de Marino Formenti por combinações novas e inesperadas tem estado na base de projetos singulares e de formatos alternativos como este que protagonizou na Fundação Gulbenkian. Em 2009, foi distinguido com o Belmont Prize de música contemporânea, atribuído pela Forberg-Schneider Foundation, de Munique.

Ricardo Jacinto, artista plástico e também ele músico com uma atividade regular na área da música experimental e improvisada, aceitou o convite para se associar a este projeto. Atualmente investigador no Sonic Arts Research Center (Belfast), tem realizado exposições individuais e coletivas em Portugal e no estrangeiro e em 2006 representou Portugal na Bienal de Veneza de Arquitetura num projeto em coautoria com Pancho Guedes.

Intitulada *nowhere*, esta *performance* realizou-se no âmbito de uma colaboração e coprodução entre a Fundação Calouste Gulbenkian e a Bienal de artes contemporâneas BoCA, um novo projeto com direção artística do ator e encenador John Romão.

# *Emily Wardill. Matt Black and Rat*

EMILY WARDILL, *AN EASY SWAN*, 2017

**EMILY WARDILL**
**MATT BLACK AND RAT**

*Museu Calouste Gulbenkian — Coleção Moderna*
*Espaço Projeto e Sala Polivalente*
**2 junho a 28 agosto**

*Matt Black and Rat* é o título da exposição da artista Emily Wardill que vai ocupar o Espaço Projeto da Coleção Moderna do Museu Calouste Gulbenkian, a partir do dia 2 de junho. Esta mostra, produzida em parceria com o Bergen Kunsthall da Noruega, reúne trabalhos recentes desta artista britânica, que, desde 2012, vive e trabalha em Lisboa. São apresentados dois novos filmes, uma série de relevos escultóricos e um conjunto inédito de fotogramas. Neste conjunto de obras, a artista explora os limites da comunicação e da linguagem, criando narrativas onde convergem realidade, fantasia e sobrenatural, com referências, por vezes, aos filmes de terror.

O filme *I gave my love a cherry that had no stone* (2016), filmado no Foyer do Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, explora a relação performativa do corpo e do espaço e a sua contaminação mútua, afirmadas quer na construção fílmica, quer nas condições de apresentação do filme, materializada numa instalação que desestabiliza a posição do espetador. O filme *No Trace of Accelerator*, coproduzido expressamente para as exposições em Bergen e em Lisboa, parte de um misterioso acontecimento ocorrido nos anos 1990, na pequena e isolada cidade francesa Moirans-en-Montagne, na qual uma série de incêndios, aparentemente espontâneos e durante muito tempo sem explicação, se tornou objeto de uma reação e construção coletivas envoltas no medo e na superstição, vindo a dar mais tarde um *case study* antropológico. O fogo é entendido como ação e potência transformadora, um elemento central e catalisador quer para o filme *No Trace of Accelerator*, quer para todo o conjunto de obras reunido nesta exposição.

# "Trabalho com imagens que funcionam como palavras e com palavras que funcionam como imagens"

Numa breve entrevista, Emily Wardill revela as principais linhas de força desta exposição singular que acabou de ser apresentada na Noruega, no Bergen Kunsthall.

## O que significa para si *Matt Black and Rat*?

Várias coisas. Para começar, é a expressão que se usa quando se pinta um veículo de preto mate, por vezes com tinta de pintar casas. Ao fazê-lo, mostramos que não estamos interessados na vertente superficial do carro mas apenas nos seus elementos estruturais: o tamanho do motor, a velocidade, a potência, etc. A minha herança artística vem dos realizadores estruturalistas, daí que esta ênfase na materialidade seja, para mim, muito apelativa. Este preto mate específico também se assemelha a um carro queimado e um dos filmes que integra esta exposição, *No Trace of Accelerator*, remete para uma série de incêndios. Mas gosto, sobretudo, do modo como as palavras soam, não só separadamente, mas como um todo. Nesta exposição trabalho com imagens que funcionam como palavras e com palavras que funcionam como imagens. E as palavras que compõem este título assemelham-se também muito a imagens.

## O que mostra nesta exposição? Qual a ideia-chave?

Mostro algumas obras distintas. *No Trace of Accelerator* é um filme realizado no verão passado, que se baseia numa série de incêndios ocorrida em França no final dos anos 1990. O fogo é aqui encarado na perspetiva de um *case study* baseado na amplificação social do risco. Durante a ocorrência destes incêndios, a população local foi encontrando vários responsáveis: falhas elétricas, microondas, sismos, e, finalmente, o sobrenatural, já que nenhum vestígio do acelerador foi encontrado no local dos incêndios, tendo sido excluída mão criminosa. Mostro também uma série de relevos escultóricos que são camisas brancas que parecem sair das paredes. Estas esculturas sugerem algo entre peças de origami e semifantasmas. Também estarão expostos fotogramas feitos de luz inspirados no título *Matt Black and Rat*. Finalmente, na última sala, mostro *I gave my love a cherry that had no stone* – um filme realizado na Gulbenkian – com o bailarino David Marques. Não sei se posso dizer que existe uma ideia-chave, mas pensei muito na ideia de uma coisa querer ser outra coisa. O *case study* é a materialidade que aspira à transparência – é suposto esquecê-la quando a compreendemos. Por outro lado, os relevos são como esculturas que querem ser planas e os fotogramas são palavras que querem ser imagens. Por fim, o filme *I gave my love…* é sobre um homem que não quer ser real.

## Porque decidiu filmar na Fundação Gulbenkian?

Neste espaço, temos a sensação de que o tempo aponta em duas direções diferentes. Parece o passado a imaginar o futuro. As texturas, as cores, o modo como a luz paira, faz-nos desconhecer a era, a altura do dia, se somos bem-vindos ou não. É como um espaço clássico de terror que alimenta o nosso medo do desconhecido. Penso no terror do ponto de vista da nossa relação com os objetos. O filme debruça-se sobre a relação entre uma câmara e uma pessoa que se assemelham – a câmara tem um carácter humano e a pessoa tem a tecnologia da máquina.

## O que a levou a mudar-se para Portugal?

Vim a Lisboa participar num filme com a Kunsthalle Lissabon há alguns anos e fiquei seduzida pela música, pela energia, pelas pessoas, tudo tão próximo do oceano selvagem… Parece que, sem essa bela e poderosa força correndo ao longo do país, este seria um lugar completamente diferente.

# Último mês para visitar Almada

*A cerca de um mês do seu final, mais de 80 000 pessoas visitaram já a exposição* José de Almada Negreiros. Uma maneira de ser moderno *que a Fundação Gulbenkian apresenta nas duas salas de exposições temporárias da Sede, até 5 de junho.*

Ao longo de oito núcleos temáticos, a exposição testemunha a inesgotável criatividade de um artista que assumiu a modernidade de um modo intenso, constituindo-se uma referência ímpar da arte portuguesa.

Este mês realizam-se duas mesas-redondas que completam o ciclo em torno da exposição, organizado pelo Instituto de História de Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. No dia **10 de maio, às 18h**, os investigadores Gustavo Rubim, Manuel Deniz Silva e Joana Brites reúnem-se para falar sobre *Modernismos e Estado Novo*. A conversa terá lugar no Foyer do Grande Auditório, no mesmo local onde, no dia **31 de maio, às 18h**, Osvaldo Manuel Silvestre, Luís Trindade e Mariana Pinto dos Santos trazem à discussão o tema *Discursos sobre Almada Negreiros*.

Este mês realizam-se também as duas últimas representações da peça *Antes de Começar*, a partir de um texto de Almada Negreiros, pela Companhia da Esquina. As récitas terão lugar na Sala Polivalente no Edifício da Coleção Moderna no dia **13 de maio, às 16h** e no dia **14 de maio, às 11h**. Com encenação e dramaturgia de Jorge Gomes Ribeiro e interpretação de Pedro Martinho, Daniel Seabra e Sandra Gameiro, este espetáculo para famílias tem a duração de 50 minutos, seguindo-se uma conversa com os atores.

ASPETO DA EXPOSIÇÃO © CARLOS AZEVEDO

ASPETO DA EXPOSIÇÃO © MÁRCIA LESSA

Este mês, ainda em articulação com a exposição, a Cinemateca Portuguesa apresenta um programa que explora a relação de Almada Negreiros com o cinema. Artista multidisciplinar, Almada dedicou ao cinema uma extensa obra gráfica, vários ensaios, criou lanternas mágicas para serem projetadas, tendo mesmo participado como ator, em 1921, num filme – *O Condenado* (infelizmente perdido) – de Mário Huguin. Arte da modernidade, do movimento, da metamorfose, da velocidade e da dança das formas, mas também arte da imaginação que convoca outras artes, o cinema liga-se naturalmente com a obra de Almada.

O programa é inaugurado com a apresentação de *Almada, Um Nome de Guerra* (**16 de maio, 19h**) de Ernesto Sousa, composto por várias projeções fílmicas e de diapositivos e finaliza com uma sessão que inclui a projeção dos recém-descobertos vidros para a lanterna mágica que Almada Negreiros concebeu para o espectáculo musical *La Tragedia de Doña Ajada* (1929). Em março passado a música original do compositor madrileno Salvador Bacarisse voltou a ser tocada, pela primeira vez desde 1929, acompanhada da projecção dos desenhos originais de Almada num concerto realizado no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian.

O ciclo da Cinemateca inclui ainda o documentário de António de Macedo *Almada Negreiros, Vivo, hoje* e a entrevista que o artista concedeu a Raul Solnado no programa Zip-Zip, ambos realizados em 1969. Haverá também filmes como *Le Ballet Mécanique*, de Fernand Léger; *Danse Serpentine*, de Louis Lumière; *Entra'cte*, de René Clair; *La Villa Santo Sospir*, de Jean Cocteau; *O Circo*, de Charles Chaplin; *O Ladrão de Bagdad*, de Raoul Walsh; *Os Sapatos Vermelhos*, de Michael Powell e Emeric Pressburger; e ainda *Os Verdes Anos*, de Paulo Rocha, e *Douro Faina Fluvial*, de Manoel de Oliveira, entre muitos outros.

## JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS: UMA MANEIRA DE SER MODERNO

Curadoria: Mariana Pinto dos Santos
Curadoria executiva: Ana Vasconcelos

*Edifício Sede – Galeria Principal e Galeria do Piso Inferior*
Até 5 junho
**Quintas e sábados, das 10h às 21h**
**Segundas, quartas, sextas e domingos, das 10h às 18h**
Encerra às terças

Visitas guiadas e programação complementar:
gulbenkian.pt/museu

# Graça Morais em Paris

*Graça Morais. La violence et la grâce (A violência e a graça) é o título da exposição que a delegação francesa da Fundação Calouste Gulbenkian, em Paris, apresenta a partir de 31 de maio.*

Com curadoria de Helena de Freitas e Ana Marques Gastão, a exposição vai apresentar principalmente desenhos datados de 1982 a 2016, procurando focar alguns dos principais temas da obra de Graça Morais, como a identidade do lugar onde nasceu – a aldeia do Vieiro, em Trás-os-Montes. Nesta terra longínqua, marcada pelo clima rude e a crueldade da distância, do abandono e da pobreza, Graça Morais encontrou uma iconografia sem igual para expressar a sua representação do mundo, na sua visão de mulher e artista. O diálogo entre a pintura e a literatura revela-se uma característica marcante da obra da artista, que desde sempre mostrou ter o dom de convocar o território do livro e das palavras para o contexto da produção artística portuguesa, atraindo autores e poetas como Miguel Torga, Nuno Júdice, José Saramago, Vasco Graça Moura, Agustina Bessa-Luís, Maria Velho da Costa, Pedro Tamen, Sophia de Mello Breyner e Manuel António Pina. É nesta articulação com a literatura e outros saberes que "a obra da artista forma um corpo em metamorfose que sublinha a natureza

GRAÇA MORAIS, *MÉTAMORPHOSES*, 2001

GRAÇA MORAIS, *LA CHASSE (PERDRIX)*, 2001

efémera de um ser interior afetado por uma mudança contínua". É, aliás, segundo Ana Marques Gastão, "a metamorfose – mais evidente nos desenhos com Sophia e Agustina – que transporta o fio de Ariadne nesta exposição de Graça Morais – a do ser humano em exílio, do artista e do escritor, do criador que, ao realizar o movimento proibido do olhar, transpõe o interdito: o desejo, a paixão, a ilusão, o inferno de Dante". A dureza e a sensibilidade da vida surgem aqui representadas num "quase paradoxo de complementaridades", sublinha Guilherme d'Oliveira Martins, administrador da Fundação, traduzindo a "relação íntima e especial" que se estabelece entre a Arte e a Natureza. Daí se entende também o título da exposição, contrapondo a violência e a graça. "A sua pintura não deve ser entendida como um conto de fadas, mas como um lugar onde a violência natural da condição humana se confronta com a possibilidade de a ela fugir por um milagre a que chamamos 'graça', afinal o nome da artista", afirma o crítico e ensaísta Eduardo Lourenço, em entrevista à curadora Ana Marques Gastão.

A obra de Graça Morais, nascida em 1948, é vasta, diversa e multifacetada, estendendo-se desde os anos 70 até hoje. Em 1971, a artista transmontana concluiu o curso de Pintura da Escola Superior de Belas-Artes do Porto, tendo sido aluna de Ângelo de Sousa, cuja obra esteve também exposta na delegação de Paris entre janeiro e abril deste ano. Entre 1976 e 1978, viveu na capital francesa como bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian e, em 1978, expôs no Centro Cultural Português de Paris (FCG).

# Jazz em Agosto 2017

*Este ano, a 34.ª edição do Jazz em Agosto começa em julho, no dia 28, e termina a 6 de agosto com um conjunto de propostas relevantes do jazz contemporâneo internacional, apresentadas por músicos de ambos os lados do Atlântico.*

O saxofonista **Steve Lehman** abre o festival, no dia **28 de julho**, com **Sélébéyone**, uma proposta que junta as linguagens do jazz e do hip-hop e que conta com a participação dos *rappers* HPrizm (Antipop Consortium) e Gaston Bandimic (do Senegal), marcando desde logo o tom de contaminação musical que caracteriza o festival. Tendo como prioridade refletir as mudanças de linguagem do jazz atual e a sua componente multidirecional, esta edição do Jazz em Agosto evidencia um campo vasto de contágios não só nos géneros e nas linguagens que se transformam, com o *rap*, o hip-hop, a música eletrónica, o rock ou o folk a fundirem-se com o jazz clássico, mas também na pluralidade de músicos que ultrapassam barreiras geográficas e que trabalham em conjunto diferentes influências e direções, forjando novas associações e novas maneiras de pensar o jazz.

A este alinhamento seguem-se dois guitarristas inovadores e pontos de referência incontornáveis: o norte-americano **David Torn** no projeto **Sun of Goldfinger**, secundado por **Tim Berne** e **Chess Smith** (**29 de julho**); e o músico francês **Julien Desprez**, como membro da **Coax Orchestra** (**30 de julho**).

Dos concertos no Anfiteatro ao Ar Livre, que se realizam sempre às 21h30, destacam-se ainda o duo **Peter Brötzmann & Heather Leigh** (**31 de julho**) e a trompetista portuguesa **Susana Santos Silva** com o seu "quinteto escandinavo", formado ainda por Lotte Anker, Sten Sandell, Torbjörn Zetterberg e Jon Fält (**1 de agosto**). Os dias **2 e 3 de agosto** são marcados por atuações de dois quartetos, mestres da improvisação livre: o **Sudo Quartet** (Carlos Zíngaro, Joëlle Léandre, Sebi Tramontana e Paul Lovens) e os **Starlite Motel** (Kristoffer Berre Alberts, Ingebrigt Håker Flaten, Gard Nilssen e Jamie Saft), respetivamente.

STEVE LEHMAN © ANDREA BOCCALINI

SUSANA SANTOS SILVA © CHRISTER MÑNNIKUS

No dia **4 de agosto** atuam no Anfiteatro os **The Fictive Five**, o grupo dirigido por **Larry Ochs** (que inclui Ken Filiano, Nate Wooley e Harris Eisenstadt) cuja música busca inspiração nas obras de William Kentridge, Wim Wenders e Kelly Reichardt. No sábado, **dia 5**, segue-se o grupo **Human Feel**, composto por Andrew D'Angelo, Chris Speed, Jim Black e Kurt Rosenwinkel. O concerto de encerramento do festival (**6 de agosto**), um dos pontos altos da programação, fica a cargo de **Dave Douglas** com o projeto **High Risk**, acompanhado por Jonathan Maron, Mark Guiliana e Shigeto, numa abordagem pioneira ao jazz eletrónico.

O espaço do Museu – Coleção Moderna terá também duas atuações, pelas 18h30, de **Steve Lehman** a solo (**29 de julho**) e dos portugueses **Pedro Sousa e Pedro Lopes**, com **EITR** (**5 de agosto**). Por fim, também às 18h30, o Auditório 2 será palco para as *performances* a solo de **Julien Desprez** (**30 de julho**) e de **Pascal Niggenkemper** (**4 de agosto**).

Os bilhetes para o festival têm preços entre os 12 e os 20 euros, sendo possível adquirir um "passe anfiteatro" válido para todos os espetáculos no Anfiteatro ao Ar Livre por 100 euros, ou ainda um passe para os concertos do primeiro fim de semana (29, 30 e 31 de julho) ou do segundo (4, 5 e 6 de agosto) a 35 euros cada. Os concertos no Museu – Coleção Moderna e no Auditório 2 têm entrada gratuita.

DAVE DOUGLAS

# Coleção *Tout se transforme*

*São já 24 os títulos publicados pela Delegação em França da Fundação Gulbenkian, que decorrem do ciclo de conferências em que se discutem os grandes temas contemporâneos. Barbara Cassin, Edgar Morin, Manuel Castells, Jacques Rancière e Henrique Leitão estão entre os autores editados nesta coleção.*

Publicado em 2014, *Plus d'une langue. Le paradigme de la traduction*, de Barbara Cassin, é um dos títulos mais procurados junto da delegação da Fundação Gulbenkian em Paris. Vertida em livro uns meses mais tarde, a conferência que a presidente do Collège International de Philosophie dera em março desse ano falava de como a tradução está prestes a tornar-se no novo paradigma das ciências humanas, organizando a relação entre as línguas mas preservando a sua singularidade. "La langue du monde, c'est la traduction" (a língua do mundo é a tradução), diz Cassin, distinguida em 2012 pela Academia Francesa com o grande prémio de Filosofia. A sua reflexão é desenvolvida em livro ao longo de 30 páginas, como acontece com as reflexões de muitos outros pensadores que já passaram pelo ciclo de conferências *Tout se transforme*, na delegação da Fundação em Paris.

João Caraça, diretor da Delegação em França até 2016 e responsável pela criação desta iniciativa, sublinha a importância de estimular debates sobre áreas diversas, para se poder equacionar "o que queremos que o mundo seja e o que devemos fazer para que tal aconteça". Grande parte das conferências deste ciclo tem sido organizada em parceria com instituições universitárias e culturais francesas de referência e envolveu já uma extensa lista de grandes pensadores, ligados a várias áreas do saber e que têm contribuído para melhor compreender os grandes desafios do século XXI.

Entre os conferencistas editados desde 2013 estão Edgar Morin (*Pensée complexe et pensée globale; L'esthétique et l'art du point de vue d'une anthropologie complexe*), Jacques Rancière (*Les bords de la fiction*), Manuel Castells (*Des mouvements sociaux en réseau au changement politique*) e o especialista em História das Ciências e Prémio Pessoa, Henrique Leitão (*Savants ou artisans: à qui doit-on la modernité scientifique?*).

Cada um dos 24 livros da coleção custa três euros. Não estão traduzidos, mas a coleção em francês está integralmente disponível na livraria da Fundação Gulbenkian, em Lisboa. A lista de títulos pode ser consultada em gulbenkian-paris.org/publications

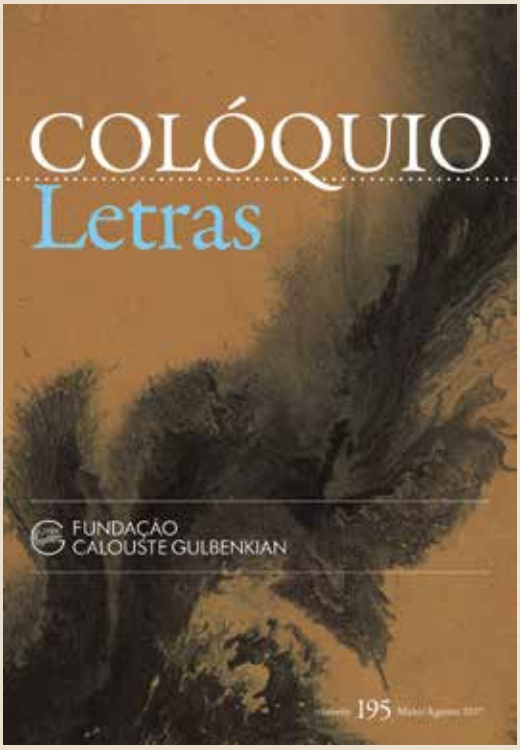
# Carlos de Oliveira na *Colóquio/Letras*

O novo número da *Colóquio/Letras* dedica o seu núcleo principal a Carlos de Oliveira (1921-1981), a propósito da atual apresentação do espólio do escritor no Museu do Neorrealismo, em Vila Franca de Xira. A exposição *Carlos de Oliveira: a parte submersa do iceberg*, com curadoria de Osvaldo Manuel Silvestre, abriu ao público em março e está patente até 29 de outubro.

No dossiê sobre Carlos de Oliveira são publicados cinco ensaios — da autoria de Osvaldo Manuel Silvestre, Rui Mateus, José Geraldo, Ricardo Namora e Clara Rowland — que exploram o espólio do autor de *Trabalho Poético*, *Finisterra Paisagem e Povoamento* e *Uma Abelha na Chuva* (romance a partir do qual Fernando Lopes realizou um filme que se tornou central no cinema português), apresentando novas perspetivas de abordagem e novos leitores de um dos grandes nomes da poesia e da prosa do século XX. São também publicados neste número vários inéditos do escritor – uma primeira amostra dessa "parte submersa do *iceberg*" que é o seu espólio –, os quais permitem perceber o potencial de releitura crítica aí contido. Entre estes documentos contam-se duas cartas inéditas de Carlos de Oliveira, uma para Benjamin Abdala Júnior e outra para Giulia Lanciani, de quem se publicam também neste número depoimentos, juntamente com os de Maria Lúcia Dal Farra, Baptista-Bastos e Gastão Cruz, partes de um diálogo intenso que a própria correspondência do autor regista.

Destacam-se ainda neste número de maio a agosto a entrevista ao poeta Adonis, oriundo do Médio Oriente, e as evocações de duas figuras recentemente desaparecidas: João Lobo Antunes, médico, humanista e homem de cultura, e a poeta suíça Anne Perrier.

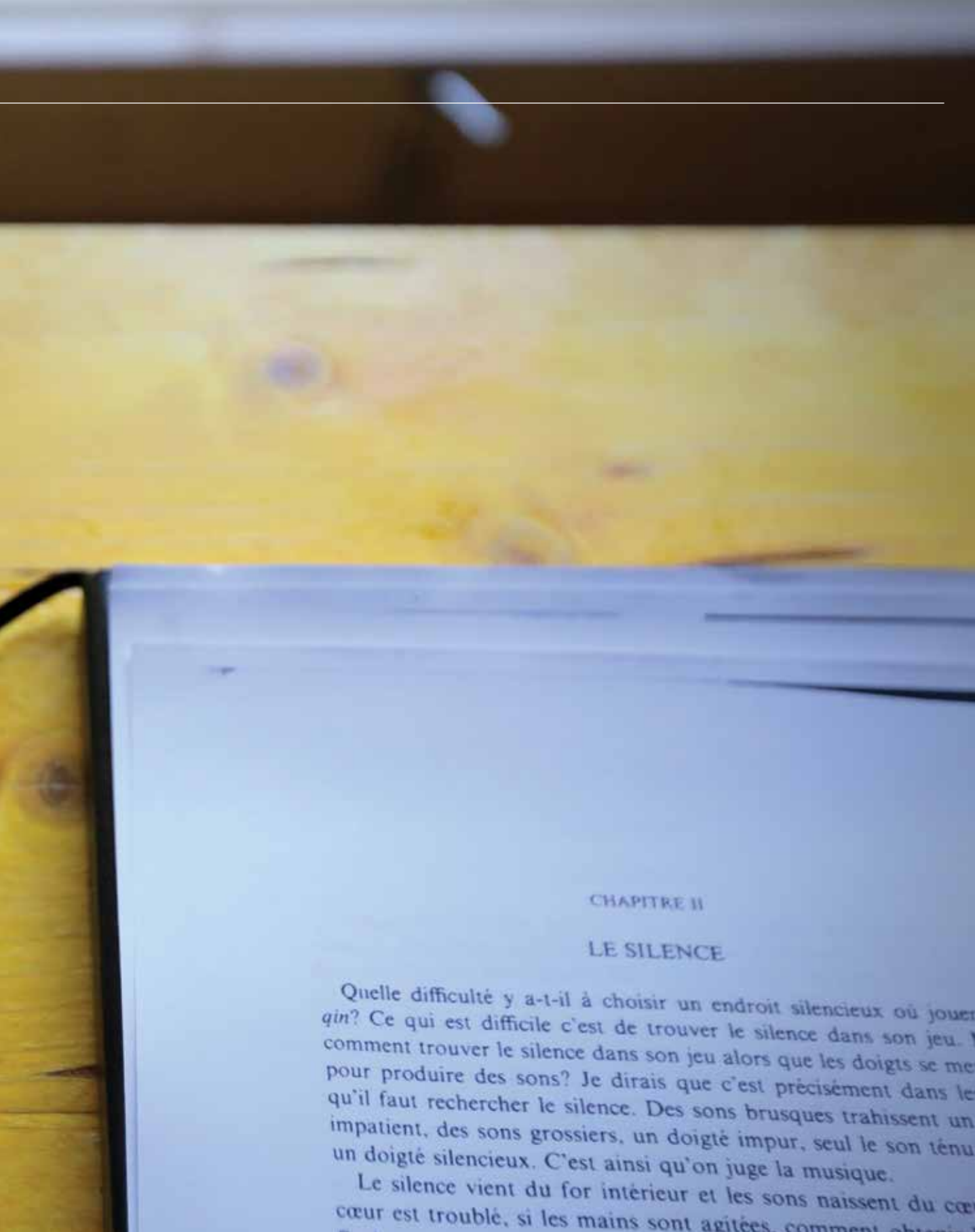
Ilustrado com várias imagens de Ilda David, incluindo a capa, o número 195 da *Colóquio/Letras* foi apresentado publicamente no dia 6 de maio, no Museu do Neorrealismo, por Nuno Júdice e Osvaldo Manuel Silvestre.



# Ambientes

Por Bruno Simão

*Um livro aberto, uma chávena de café e um relógio. Um provável som de piano ao fundo… Como encontrar o silêncio? Imagem da performance de Marino Formenti no Jardim Gulbenkian (ver p.19).*



CHAPITRE II

## LE SILENCE

Quelle difficulté y a-t-il à choisir un endroit silencieux où jouer
*qin*? Ce qui est difficile c'est de trouver le silence dans son jeu.
comment trouver le silence dans son jeu alors que les doigts se me
pour produire des sons? Je dirais que c'est précisément dans le
qu'il faut rechercher le silence. Des sons brusques trahissent un
impatient, des sons grossiers, un doigté impur, seul le son ténu
un doigté silencieux. C'est ainsi qu'on juge la musique.

Le silence vient du for intérieur et les sons naissent du cœ
cœur est troublé, si les mains sont agitées, comment

GULBENKIAN.PT

Av. de Berna, 45A, 1067-001 Lisboa